

Rio, 1º de Dezembro de 1944

Querido Amigo Dieste:

acabo de chegar de uma pequena viagem pelo Brasil, e venho louca para conversar com os amigos distantes.

Poucos dias antes de partir, Esther me escrevera, e comunicara-me as tristes notícias que lhe haviam chegado da Galiza. Quis telegrafar-lhe imediatamente, mas o telegrama não me pareceu a maneira mais de acôrdo com os meus sentimentos, que são vagarosos e enternecidos, e fogem a tudo que é de natureza um tanto mecânica e formal.

É certo que eu gostaria de voar, para estar nêsse momento a seu lado --embora a presença dos próprios amigos valha tão pouco, em certas ocasiões.

Nessa data, porém, tínhamos o projeto de ir ao Chile, a convite do governo, e pensei que dentro de uma semana provavelmente nos encontraríamos.

Tudo isso me entrou as comunicações com os amigos, e principalmente as nossas comunicações, que me parecem tão naturais e familiares que a sua dôr também é minha.

Afinal, as coisas tomaram outras posições: meu marido não se pôde afastar de seu posto, nêste fim de ano, e a viagem ao Chile foi adiada. Em seguida, chamaram-me a dar uma conferência, e tive de tomar o rumo que me era traçado.

E assim lhe escrevo tão tarde!

Mas não é certo, querido Dieste, que o afeto é uma fôrça livre do tempo? que nós em espírito somos só presente? e que a nossa eternidade não pode ser afetada pelas contingências do pêso da matéria, que estabelece distâncias, e nos dificulta o imediatismo?

Creio que no comêço do próximo ano nos veremos. A sua sabedoria, o seu mundo espiritual já o terão libertado da amargura com que nos afligimos num instante de sombra. Sabemos que por dentro da sombra está sempre um absoluto Sol. E faremos o possível por ser de novo, aproveitando a vida que tivermos, os bons amigos que tínhamos de ser, ainda quando não nos conhecíamos.

Meu marido e eu nos recomendamos muito a sua Senhora, e eu a ambos envio um terno abraço de saudade e fraternal amor.

Cecília

Rio, 1º de Dezembro de 1914

Querido Amigo Dieste:

Acabo de chegar de uma pedreira viagem pelo Brasil, e venho louca para
te conversar com os amigos distantes.

Poucos dias antes de partir, Esther me escrevera, e comunicara-me as
últimas notícias que lhe haviam chegado da Galiza. Quis telegrafar-
lhe imediatamente, mas o telegrama não me pareceu a maneira mais
de acordo com os meus sentimentos, que são vagarosos e enternecidos,
e fogem a tudo que é de natureza um tanto mecânica e formal.

É certo que eu gostaria de voar, para estar nesse momento a seu lado
--embora a presença dos próprios amigos valha tão pouco, em certas
ocasiões.

Nessa data, porém, tínhamos o projeto de ir ao Chile, a convite do
governo, e pensei que dentro de uma semana provavelmente nos encontraríamos.

Tudo isso me entravou as comunicações com os amigos, e principalmen-
te as nossas comunicações, que me pareciam tão naturais e familiares
que a sua dor também é minha.

Finalmente as coisas tomaram outras posições: meu marido não se pôde a-
fastar de seu posto, neste fim de ano, e a viagem ao Chile foi adia-
da. Em seguida, chamaram-me a dar uma conferência, e tive de tomar
o rumo que me era traçado.

E assim lhe escrevo tão tarde!

Mas não é certo, querido Dieste, que o afeto é uma força livre do
tempo? que nos em espírito somos ao presente? que a nossa eternidade
de não pode ser afetada pelas contingências do peso da matéria, que
estabelece distâncias, e nos dificulta o imediatismo?

Creio que no começo do próximo ano nos veremos. A sua sabedoria, o
seu mundo espiritual, o seu liberalismo de sempre, a sua amizade com que nos
afirmamos num instante de sempre. Sabemos que por dentro da sombra
esta sempre um absoluto Sol. E faremos o possível por ser de novo,
provetando a vida que tivermos, os bons amigos que tínhamos de
ser, ainda quando não nos conhecíamos.

Meu marido e eu nos recomendamos muito a sua Senhora, e eu a ambos
envio um terno abraço de saudade e fraterno amor.

Clara